

KIKUO FURUNO

NUMA CAMPINA VERDE-MAR DISTANTE



Capa:

Flores de outono e inverno, detalhe

HoitsuSakai (1761-1828)

Acervo do Museu Nacional de Tóquio

NUMA CAMPINA VERDE-MAR DISTANTE

© *by* Kikuo Furuno

Aliança Cultural Brasil-Japão
R. Vergueiro, 727, 1^o, cep 01504, São Paulo, SP
Massao Ohno Editor
R. Consolação, 3676 - cep 01416 - São Paulo, SP

Composição: GHN
Fotolito: Laborgraf
Impressão: Palas Athena
Perfil do autor: Masuo Yamaki
Revisão: Paulo Colina

1991 _____

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

KIKUO FURUNO

NUMA CAMPINA VERDE-MAR DISTANTE

1991

Aliança Cultural Brasil-Japão • Massao Ohno / Editores

À
memória de
Sérgio Milliet

"Eh, bien, pensai-je, je me suis promené en vain,
je rentre les mains vides; mais j'ai fait, comme
Ulysse, un beau voyage"

Anatole France
(Le Crime de Sylvestre Bonnard)

É propósito da Aliança Cultural Brasil-Japão, além do ensino e difusão da língua japonesa, documentar para posteriores pesquisas os fatos relevantes havidos no seio da comunidade nipo-brasileira aqui radicada, desde o início da imigração até os dias de hoje.

Muito marcante na implantação de uma ponte cultural entre o Brasil e o Japão é a atuação do jornalista, professor, tradutor e poeta Kikuo Furuno, verdadeiro precursor e um dos fundadores da entidade que ora temos a honra de presidir.

É com a maior satisfação, pois, que entregamos ao público leitor esta edição bilingüe do emérito poeta, ao ensejo da comemoração dos 35 anos de fundação desta entidade.

São Paulo, outubro de 1991

Ioshifumi Utiyama

Aliança Cultural Brasil-Japão
Presidente

ORDEM DO LIVRO

- I - Idade Mitológica
- II - Canção de Ondulação das Flores de Glicínia
- III - Diário de Bordo da "Santa Maria"
- IV - Poesia em Saudação à Terra Natal no Dia de Ano Novo
- V - O Dia de Ano Novo
- VI - A Montanha
- VII - Tibikko, o Mestrinho
- VIII - No Céu da Terra Mitológica
- IX - A Virgem Prudente
- X - O Jardim do Convento
- XI - O Banquete Magnífico de Despedida
- XII - A Vereda
- XIII - No Lavadouro da Aldeia Cigana
- XIV - Quantas Despedidas
- XV - Numa Campina Verde-Mar Distante
- XVI - A Borboleta Branca no Rio Mississippi
- XVII - O Mapa do Japão
- XVIII - Uma Tarde no Hotel da Cidade do Interior
- XIX - A Estátua do Cristo Redentor no Pico do Corcovado
- XX - O Poema Mais Lindo do Mundo
- XXI - Arvore Fóssil
- XXII - O Trem de Subúrbio à Metrópole
- XXIII - Poema das Árvores de Cera
- XXIV - Desejo
- Perfil do Poeta

I

IDADE MITOLÓGICA

À tona da água do poço
Espelham-se os bustos infantis da mana mais velha e o meu,
Oscilam as flores das minervas,
Inflamam-se os cirros-cúmulos do crepúsculo.

Às vezes, braços peludos humanos
Descem a caçamba que chocochoalha no poço;
E fragmentam-se as flores, nuvens e os bustos infantis.

Quando estávamos a espreitar, sem fôlego, o espelho d'água,
É possível que nossas asas estivessem cobertas de pólen.
— No fundo da terra, também há flores, nuvens e meninos ...
Nossa idade mitológica foi tão curta, em tal convicção oculta.

II

CANÇÃO DA ONDULAÇÃO DAS FLORES DE GLICÍNIA

— Então, dizes que perdeste a vista, deus? Oh!
O padre, periquitando, saiu apressadamente,
persignando-se, com repugnância.
Neste parque no meio da vila,
As almandas estão em plena floração,
A música roceira de instrumentos de corda, ao longe.

Sim, chamamos aquilo: ondulação das flores de glicínia.
Tão bela que é impossível explicá-la.
A professora Tanaka cantou, colocando a mão
Em meu ombro, aluno primário.
aquela voz fascinante ...
As flores de glicínia ondularam impetuosamente;
E senti vertigem.

— Não perdi a vista, deus,
Apenas, tenho diferente tua imagem.

No parque sombrio da tarde,
Vejo, na sombra da ondulação das flores de glicínia,
As figuras de deuses da minha idade mitológica,
Que aparecem e desaparecem, sorrindo-me carinhosamente ...

III

DIÁRIO DE BORDO DA "SANTA MARIA"

— Pássaros! Pássaros!
Um sujeito grita do posto de observação.
Tinha nojo.
Aparecendo os pássaros,
A terra, coisa odiosa, fica perto.

Depois de alguns dias,
Achando um ramo com frutos, nas ondas,
Os marujos encantados abraçaram-se uns aos outros,
Deram saltos e choraram.
— Calem-se! Que cacete!
Irritado, eu gritei de raiva, batendo na ponte com a espada

Quase meia-noite do dia 11 de outubro de 1492,
Certifiquei-me de uma luz cor de azeviche no horizonte.
A luz sombria tingiu-se de amarelo:
Estava acesa com o mau cheiro do mundo humano.

Fechei-me em meu camarote
E desenhei uma linha de rota.
Da rota que não encontrará terra, eternamente!

(Fragmento de "O NAVEGADOR CRISTÓVÃO COLOMBO",
de parecer privado.)

IV

POESIA EM SAUDAÇÃO À TERRA NATAL NO DIA DE ANO NOVO

"Eu, vindo d'oeste remoto,
Em quantos anos poderia voltar à terra natal, acabada a guerra?
Olhando os gansos selvagens que voam bem alto, por cima do castelo
na margem do rio, rumo ao norte,
meu coração quase a rebentar."

Como esta poesia não é bem feita,
Não pense que seja minha.
E obra de To Hui, poeta chinês do século 8.

"It's a fine land, the Westland, for hearts are as tired as mine,
Apple orchard blossom there, and the air's is like wine,
There is cool green grass there, where men may lie at rest
And the thrushes are in song there, fluttering from the nest.
Will you not come home, brotheres? You have been long away,

Will you not come home, brothers, home to us again?"

John Mansfield, poeta nascido na Inglaterra,
Concluiu esta poesia, intitulada "O Vento d'Oeste", assim —

"A terra bela, a terra d'Oeste,
Esta, sim, é a minha Terra!"

No Jardim humilde, Mari, a cachorrinha mimosa, enrola-se aos pés da minha esposa,
E o papagaio-neném Yuko pousa folgadoamente no meu ombro.
Sobre esta família nuclear, Arca de Noé minimizada,
A luz do sol a infiltrar-se, por entre as árvores, é doce e carinhosa.

V

O DIA DE ANO NOVO

Desde já habituado a:

Flamejar os cúmulos em vez dos reflexos da neve;
Perfurar os jasmims em lugar de crisântemos invernais;
Acostumar-se à tristeza da rotina ...

Apressei-me e saudei os dias de ano novo.

Hoje, o dia de ano novo.

Flama violenta enrubescendo o céu,

Oh, a aldeia ao longe!

Imagino as mocinhas a cantarem na beira do lago,

Cortando os galhos de flores estivais,

E os rapazes, colocando novos guizos

Nos colos resvaladiços das vacas leiteiras;

Nas veredas da aldeia, gente que troca cumprimentos de ano novo,

Limpendo o suor com as costas da mão. Oh, a aldeia ao longe!

Esta terra em que, ao invés de lariços, palmeiras imperiais
sustentam o céu ardente,

No lugar de praias agitadas e perfumadas,

O vento Noroeste abrasado passa pela campina verde.

Esta não é mais uma terra estranha ...

Como os marujos poliam a ponte
Com cocos duros,
Viverei, firmemente, todos os dias,
E passarei o ano, fartamente.
Esta terra não é mais estrangeira,
É a nova terra natal.
Hoje é o dia de ano novo.

VI

A MONTANHA

Ao pôr-se o sol,
A montanha também ficará erma;
A montanha também ficará erma.

VII

TIBIKKO, O MESTRINHO

O nome verdadeiro era Tchako,
Mas, porque era bem pequenininho,
Costumávamos chamá-lo Tibikko, o mestrinho.

De nascença, não podia miar.
Quando queria dizer alguma coisa,
Miava com os olhos tristes.
A cor do pêlo parecia com o amor-perfeito.
O nevinho no nariz era pretinho.

Quando finou-se de doença,
Foi colocado numa caixinha,
Abraçado ao carretei, querido brinquedo dele,
E um ramo de deutzia scabra.

Uns dias depois, ao anoitecer,
A chuva intensa
Caiu impetuosamente sobre o túmulo
E o sacudiu: Acorde Tibikko! Acorde Tibikko!

VIII

NO CÉU DA TERRA MITOLÓGICA

Já houveste balançado antes
Um ramo de buquê-de-noiva em plena floração?
Já havias caminhado, por acaso, à noite,
Banhado de flores brancas, o corpo inteiro?
Esparramaram-se, deslumbrantemente,
As flores incalculáveis do buquê-de-noiva?
Não. Eram as estrelas.
Nós estávamos voando sob a constelação de Magalhães.

Na cabina, voltando-se, o piloto passou-me, rapidamente,
Um pedaço de papel.
Apesar de ter sido escrito às pressas,
Os caracteres portugueses eram bem claros:
— A jovem metrópole.
O piloto voltou-se mais uma vez e indicou.
No fundo da noite tenebrosa,
Pensei que achara pontos fracos de luzes.
— Brasília!
Acenamos fortemente com a cabeça um ao outro.

Fundar uma metrópole gigantesca como miragem.
Na campina desolada sem fim,
A terra em que a mitologia é, na realidade, atingida por forte vontade humana.

No fundo da noite, no céu da terra,
Uma estrela rubra corta os ventos.
Não. Aquela é a luz trazeira do avião.
Estávamos voando, justamente, sob a constelação de Magalhães.

IX

A VIRGEM PRUDENTE

Então, o reino dos céus será semelhante ao
das virgens que, tomando as suas lâmpadas,
saíram a encontrar-se com os noivos.

(Mateus, 25)

A menina morava na mansão
Do outro lado do lago.
Os espinheiros em abril;
As deutzias em junho.
Como as folhas cobrem a janela e embrulham a luz,
O único sinal era o som do piano.

O peito, que a menina abre,
E qual pétala branquinha; pensei.
— Escute. O som de Rassel... como a rajada inventai. Ouviu?
Colocando o ouvido em seu peito tenro, fecho os olhos.
— Ouço só um minueto ao longe.

Uma noite, a virgem prudente me acolheu,
Pisando nas ervas,
Tomando as luzes azuis da cestinha de pirilampos —
Nós achávamos, em estupor, que as luzes fossem estrelas.

Ao final do verão, a janela da menina da mansão
Foi fechada pesadamente.
A mansão, de fato, em luto.
No fundo do peito, a parede que enrolava as ervas
Deixava passar só o vento de inverno.

X

O JARDIM DO CONVENTO

O padre parou inesperadamente
E, como a investigar o fundo de minh'alma:
— O senhor crê em Deus, naturalmente?
— Não.
Respondi em monossílabo.
E continuei a andar entre as flores.
O padre persignou-se.

Queen-Anne's lace, Black-eyed-Susan,
Fairy Candle, Venus-looking-glass...

As flores ao meu redor eram
Mais límpidas que os deuses.

XI

O BANQUETE MAGNÍFICO DE DESPEDIDA

Ele e eu chamávamos o Restaurante Marinheiro,
afetadamente, de Restaurant de Marine.
Liquidamos um prato salgado da cozinha francesa,
Pagando 12 mil réis de conta inglesa.
E no Café S.O.S. bebemos uma garrafa da refrescante água São Pedro, para brindar.
Comprei uma grande estrela-do-mar seca,
Na extremidade do Viaduto do Chá, como presente
Para ele que iria ao Japão.
Oh, étoile de mer, estrela-do-mar de boa sorte!
No dia seguinte, partiu.
E, agora, está dormindo junto com o navio de guerra
No fundo do mar sulino.
Ele tornou-se osso branqueado no mar;
Eu vou ressequir, dia após dia, na terra;
Oh, amuleto de sorte: étoile de mer, estrela-do-mar!

XIII

NO LAVADOURO DA ALDEIA CIGANA

Perguntei o caminho, mas, não sabendo responder,
Uma das ciganas me deu um raminho cheio de amoras.

Eu, assentando-me numa pedra grande,
Saboreei as amoras.
As mulheres começaram a cantar de novo.
Os panos espalhados perto da fonte
Assemelhavam-se à neve...

Aonde vais? —
Em meio à melodia da canção,
A moça mais jovem me pergunta.
Eu corto uma raminho de amoreira
E dou-lhe em silêncio.

Cortando o raminho, lembro do meu poema inacabado.

XIV

QUANTAS DESPEDIDAS

A Terra não é jamais esférica
Como os antigos haviam acreditado.
E de forma plana, suportada por pilares monstruosos.
E sua estremidade desaparece no espaço eterno.
Quem para lá partir, jamais de lá voltará.

Todavia, tantas despedidas se fizeram:
Na estação da montanha, entre o branco da neve molhada;
No viaduto do bairro de fábricas,
Onde voam morcegos em rebanho;
No jardim suspenso, à tarde, onde a fonte jorra languidamente;
No pinheiral, onde o mar brilha ao fundo;
Em meio ao fluxo da multidão no shopping;
Na margem do canal, onde se estagnam as sujeiras;
Na esquina da rua, onde cartazes eleitorais molham-se à chuva ...

Se a Terra fosse globular,
Nós deveríamos nos reencontrar.
Não, a Terra não é esférica.

Epílogo:

O sol poente: — "Adeus. Não voltarei, jamais."

XV

NUMA CAMPINA VERDE-MAR DISTANTE

Iremos morar
Numa campina verde distante,
Onde queremos:
Plantar árvores
Que nunca serão cortadas;
Criar bovinos;
Criar cavalos;
Ovelhas e porcos também.
Eles nunca serão abatidos nem negociados.
E não se separarão filhos nem pais.
Reuniremos muitos cães e gatos sem dono
E nomearemos cada um com o nome que lhe ficar bem.
Flores por toda parte.
Até que desabrochem e murchem,
Não serão cortadas e apanhadas.
Eu e a esposa estaremos muito ocupados durante o dia, cuidando deles.
E, ainda que nos ausentemos desse mundo,
Deixem que eles vivam tranqüilamente:
Guardados pelos cúmulos alegres, de dia;
Pela constelação de Magalhães, de noite.

XVI

A BORBOLETA BRANCA NO RIO MISSISSIPPI

Na vigia, fica imobilizada
Uma borboleta branca.
O Rio Mississippi turba-se mais.
Caniçal interminável.
Venha depressa, pôr-do-sol,
A este rio impetuoso
E tinja a borboleta branca.

XVII

O MAPA DO JAPÃO

Um dia, vi o mapa do Japão.
As quatro ilhas foram colocadas bem juntinhas em diagonal,
No papel branco retangular
E tingidas da cor da pele maternal.
Os mares, em redor, tinham a cor da trapaeraba.
De saudade, fiquei morto de triste.

XVIII

UMA TARDE NO HOTEL DA CIDADE DO INTERIOR

O cuco do relógio
Resta oculto em sua caixa
E não canta nunca mais.

No cantinho da sala de jantar,
A filha do dono do hotel namora
Com o magro escrivão do cartório da cidade.

A lavadeira canta, incansável, só canções da salina do Norte.
As flores amarelas da alamanda.
Já saiu o ônibus da única viagem do dia.
É possível que não retorne, eternamente,
Como Roci* que sumiu no deserto, envolvido pela poeira.

* Roci: lendário filósofo chinês.

XIX

A ESTÁTUA DO CRISTO REDENTOR NO PICO DO CORCOVADO

Em pé, batido pelo vento que sopra no pico,
sozinho, dia e noite.

Jesus, não é só o senhor
que está desolado!

XX

O POEMA MAIS LINDO DO MUNDO

Saboreando os carocinhos de uva,
Olhando a fina lua no céu crepuscular,
Estou morto por fazer o poema mais lindo do mundo.

XXI

ÁRVORE FÓSSIL

É patética:
Transformada em pedra,
As nervuras da árvore são nítidas, ainda.

XXII

O TREM DE SUBÚRBIO À METRÓPOLE

Sob o céu de arrebol,
O rio era uma fita rubra.
A mão que a menina, encostada na vaca leiteira holandesa,
Acena para o trem,
Branca, verte leite.
Nada disso.
Aquela é uma flor de copo-de-leite.

Logo, contra a metrópole gigantesca que espera nos esmagar,
Os passageiros começam a se armar.

